

A orientação e o aspecto verbal em Sateré-Mawé (Tupi)

The orientation and the verbal aspect in Sateré-Mawé (Tupi)

Dulce do Carmo Franceschini
UFU / UNB-LALI

Resumo

Neste artigo, pretende-se apresentar uma análise morfossemântica das categorias verbais que estão na base da organização do sistema verbal Sateré-Mawé: a orientação (voz) e o aspecto verbal. Os verbos de processo dessa língua apresentam uma dupla classificação, isto é, em um primeiro plano se reagrupam em duas grandes classes de acordo com a orientação do processo: (1) verbos com orientação ativa e (2) verbos com orientação média; essas duas classes, por sua vez, subdividem-se em duas outras classes de acordo com o aspecto lexical de suas bases verbais, a saber: (1.1) a dos verbos ativos télicos e (1.2) a dos ativos atélicos; (2.1) a dos verbos médios télicos e (2.2) a dos médios atélicos. Também pretende-se mostrar correlações existentes entre aspecto télico e atélico e outras categorias morfossemânticas da Língua Sateré-Mawé.

Palavras-chave

Língua Sateré-Mawé, Verbos de processo, Orientação e aspecto.

Abstract

This article intends to present a morpho-semantic analysis of verbal categories that are in the basis of verbal system organization in Sateré-Mawé: the orientation (voice) and the verbal aspect. The process

verbs present a double classification, that is, in a first plane they regroup themselves in two large classes according to the process orientation: (1) verbs with active orientation and (2) verbs with middle orientation; these two classes, in turn, subdivide themselves in two other classes according to the lexical aspect of their verbal basis, ahead: (1.1) the class of telic active verbs and (1.2) the class of atelic active verbs and (2.1) the class of telic middle verbs and (2.2) the class of atelic middle verbs. This work also pretends to show the existing correlations between telic and atelic aspects and others morpho-semantics categories.

Keywords

Sateré-Mawé language, Process verbs, Orientation and verbal aspect

Introdução

Os Sateré-Mawé (ou Mawé) vivem há mais de 400 anos na região do Tapajós-Madeira, na região do Baixo-Amazonas. O território Sateré-Mawé, chamado Andirá-Marau, foi demarcado pela FUNAI em 1982 e compreende 788.528 hectares situados entre os Estados do Pará e do Amazonas, nos municípios de Parintins, Barreirinha e Maués no Estado do Amazonas. De acordo com censo realizado por Teixeira (2005), a população sateré-mawé, incluindo os indígenas que vivem em áreas urbanas (Manaus, Maués, Parintins)¹ e na área indígena chamada Kuata-Laranjal, no município de Autazes, é de cerca de 9.000 pessoas.

Para a descrição da Língua Sateré-Mawé foram utilizados dados coletados por mim em situações naturais de comunicação durante pesquisas de campo realizadas na área indígena Andirá-Marau entre 1993 e 2006, totalizando cerca de três anos de estada entre os Sateré-Mawé. Após a coleta de dados, esses eram analisados com a participação de professores indígenas, o que permitiu a compreensão morfossemântica dos mesmos e a análise aqui proposta. Dessas pesquisas de campo já resultaram vários artigos, minha tese de doutorado, defendida em 1999 (*Cf.* FRANCESCHINI, 1999) e uma gramática monolíngue em Sateré-Mawé elaborada com professores indígenas (*Cf.* FRANCESCHINI, 2005).

Neste artigo, apresentaremos uma descrição e análise morfossemântica dos verbos de processo da Língua Sateré-Mawé,² mostrando sua organização em um sistema determinado por duas categorias semânticas: a da orientação (voz) e a do aspecto lexical das bases verbais.³ Discutiremos o valor dessas duas categorias semânticas em Sateré-Mawé, bem como correlações existentes entre aspecto e modo de apreensão do referente do segundo actante (objeto direto) e processos derivacionais que implicam uma mudança de aspecto das bases verbais. Também apresentaremos correlações existentes entre aspecto lexical e inalienabilidade e alienabilidade dos nomes.⁴

1. Os verbos de processo

De acordo com sua estrutura morfossemântica, os verbos de processo podem ser agrupados em duas grandes classes de acordo com a orientação de suas bases verbais:

- 1) a dos **verbos ativos** que apresentam uma orientação ativa e que são compatíveis com o morfema [-**ti-** ~ -**i-** ~ -**ϕ-**]⁵ ou com o morfema [-**he-**], conforme mostram os exemplos (1) e (2):

(1) a - **ti** - tek yty:
1A + At.I+ cortar veado
“Eu corto o veado.”

(2) a - **he** - waiη kurum
1A.+At.II + aconselhar menino/rapaz
“Eu aconselho o menino.”

- 2) a dos **verbos médios** que apresentam uma orientação média e que são compatíveis com o morfema [-**re-** ~ -**to-** ~ -**ϕ-**],⁶ conforme mostram os exemplos (3) e (4):

(3) a - **re** - ket
1A.+ Méd.+ dormir
“Eu durmo.”

(4) min a - **re** - 'e
mergulhar 1A + Méd.+ Aux.
“Eu mergulho.”

Essas duas classes de verbos de processo se reagrupam, por sua vez, em duas subclasses de acordo com o aspecto lexical das bases verbais, a saber:

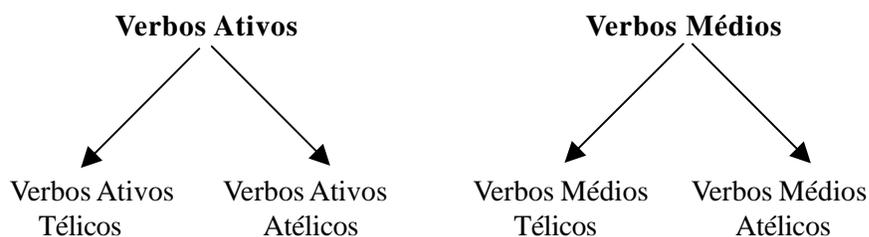
(1) Verbos ativos:

- (1.1) **verbos ativos** que apresentam um aspecto semântico **télico**; esse aspecto é marcado cumulativamente na morfologia do verbo pelo morfema [-**ti-** ~ -**i-** ~ -∅] que também indica voz ativa, conforme mostra o exemplo (1) apresentado;
- (1.2) **verbos ativos** que apresentam um aspecto semântico **atélico**; esse aspecto é marcado cumulativamente na morfologia do verbo pelo morfema [-**he-**] que também indica voz ativa, conforme mostra o exemplo (2) apresentado.

(2) Verbos médios: nesses verbos não são morfemas presentes na construção verbal que indicam as subclasses aspectuais nas quais se reagrupam, mas os diferentes tipos de construção que apresentam:

- (2.1) os **verbos médios atélicos** apresentam uma construção simples, isto é, sem verbo auxiliar, conforme mostra o exemplo (3);
- (2.2) os **verbos médios télicos** apresentam o verbo principal não flexionado seguido do verbo auxiliar [-'e] flexionado, conforme mostra o exemplo (4).

Pode-se visualizar melhor essa classificação dos verbos de processo através do esquema abaixo:

**1.1 A orientação (voz) dos verbos de processo**

A orientação ativa e a média são as duas principais vozes da Língua Sateré-Mawé, pois servem para classificar os verbos de processo em duas grandes classes, como já foi visto anteriormente.

Essas vozes apresentam as mesmas características que o Ativo e o Médio descritos por Benveniste. Benveniste (1966, v.1) estabelece a seguinte distinção entre esses dois tipos de orientação que o processo pode apresentar:

“Dans l’actif les verbes dénotent un procès qui s’accomplit à partir du sujet et hors de lui. Dans le moyen le verbe indique un procès dont le sujet est le siège; le sujet est intérieur au procès.” (...) “Ici le sujet est le lieu du procès, même si ce procès (...) demande un objet; le sujet est le centre au même temps qu’acteur du procès; il accomplit quelque chose qui s’accomplit en lui, naître, dormir, imaginer (...)” (1966, p. 172)

Ces deux diathèses “reviennent en définitif à situer des positions du sujet vis-à-vis du procès, selon qu’il est extérieur ou intérieur, et à le qualifier en tant qu’agent, selon qu’il effectue, dans l’actif, ou qu’il effectue en s’affectant, dans le moyen.” (1966, p. 173)

Essas duas vozes servem, portanto, para situar posições do sujeito em relação ao processo: na voz ativa, o sujeito é exterior, pois ele efetua o processo, mas não é afetado pelo mesmo; e na voz média, o sujeito é interior, uma vez que, ao realizar o processo, é afetado por ele. Essa distinção feita por Benveniste entre a voz ativa e a voz média pode ser verificada ao analisarmos os verbos de processo da Língua Sateré-Mawé.

Os verbos ativos em Sateré-Mawé denotam processos que se realizam a partir do sujeito e fora dele, isto é, o participante indiciado no verbo (primeiro actante) age sobre uma entidade representada no enunciado pelo segundo actante (objeto direto), não sendo ele mesmo afetado pelo processo que realiza. Do ponto de vista semântico, o primeiro actante das construções ativas assume o papel temático de agente (+ controle) e o segundo actante, o de paciente (- controle) em construções não causativas, como mostram os exemplos abaixo:

- (5) wa - ti - tek pay
 1Incl.A.+ At.I+cortar paca
 “Nós (incl.) cortamos a paca.”

(6) ewe - tu - 'u kurum e - pira
 2pl. + At.I + ingerir menino Atr.II+ peixe
 “Vocês comeram o peixe do menino.”

(7) mi'i Ø - ti - 'auka wawori
 ele 3sg.A.+ At.I + matar jabuti
 “Ele matou o jabuti.”

Já **os verbos médios** denotam processos que se realizam a partir do participante indiciado no verbo (primeiro actante), e esses processos o afetam, de forma direta ou indireta.⁷ Ou, como afirma Lyons (1969, p. 363), a voz média “expressa eventos nos quais a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses”, como podemos verificar nos exemplos abaixo:

(8) e - re - potpa:p
 2A.+ Med.+ trabalhar
 “Você trabalha (está trabalhando/trabalhou).”

(9) marau pe put'ok e - re - ('e)
 Marau posp. chegar 2A.+ Med.+ vb.aux.
 “Você chegou no Marau.”

(10) mi'i Ø - to - we - nuk
 ele 3sg.A.+Méd.+ reflex. + alimentar
 “Ele se alimenta.”

Nessas construções (exemplos 8-10), o sujeito indiciado no verbo faz referência a um participante que, ao realizar o processo denotado pelo verbo, é por ele afetado; esse participante pode assumir o papel de agente e/ou de experienciador do processo denotado pelo verbo.

1.2 Aspecto lexical dos verbos de processo

Embora o aspecto seja uma categoria bem mais frequente que o tempo nas línguas do mundo, não teve um papel tão importante quanto o do tempo nas gramáticas tradicionais, tendo sido frequentemente confundido com o tempo gramatical. A principal diferença entre essas duas noções é que, enquanto o tempo é uma categoria dêitica, que implica uma referência explícita ou implícita ao momento da enunciação, o aspecto é não dêitico (cf. LYONS, 1990, p.325).

Segundo Comrie (1976), a noção de aspecto está relacionada aos diferentes modos de observar a constituição temporal interna de uma situação. A expressão “constituição temporal interna” para definir aspecto pode ser compreendida com base na oposição entre “tempo interno da situação” e “tempo externo da situação”. Para Comrie, o “tempo interno da situação” diz respeito ao Aspecto (não dêitico), enquanto o “tempo externo” se refere ao Tempo (dêitico).

O aspecto lexical para Comrie (*op.cit.*) distingue-se, por sua vez, do aspecto gramatical: ao passo que o aspecto lexical faz referência a propriedades aspectuais inerentes às raízes verbais e a outros itens lexicais empregados pelo enunciador para descrever uma dada situação e não apresenta marcas gramaticais, o aspecto gramatical refere-se às distinções aspectuais que são marcadas explicitamente na morfologia, normalmente por auxiliares e/ou morfemas flexionais e derivacionais, podendo ser dependente da referência temporal.

É a partir dessa definição do aspecto lexical, também chamado aspecto semântico por esse último autor, que analisaremos essa categoria dos verbos de processo da Língua Sateré-Mawé.

O aspecto é uma das categorias semânticas que classifica as raízes dos verbos de processo em Sateré-Mawé. Essas raízes podem ser télicas ou atélicas. A distinção entre essas duas noções aspectuais tem sido feita nas diferentes tradições onde esses termos surgiram, com base na diferença entre delimitado e não delimitado. O termo *télico* é utilizado para fazer referência a eventos delimitados, e uma expressão verbal é limitada (terminada, concluída), se a sua denotação envolve um término inerente no qual o evento se esgota e dá origem a uma outra situação (ou estado de coisas), enquanto *atélico* faz referência a uma expressão não delimitada, que não tem um término inerente (cf. OLIVEIRA, 1995).

1.2.1 Verbos ativos télicos e atélicos

Em Sateré-Mawé, os *verbos télicos* expressam processos que só podem ser considerados como realizados se atingirem seu final, isto é, processos apreendidos globalmente e, portanto, que apresentam um início e um fim inerentes. Pode-se dizer que essa é a característica geral dos verbos télicos; no entanto, esses verbos vão apresentar diferentes nuances semânticas de acordo com a construção verbal em que se encontrarem: ativa ou média.

A telicidade nos **verbos ativos** está relacionada à forma como o processo afeta o referente do segundo actante; os verbos ativos télicos denotam processos delimitados em sua realização e que atingem o referente do segundo actante como um todo e diretamente. Pode-se dizer que os predicados ativos télicos determinam a delimitação do referente do objeto direto, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (11) wa - ti - 'auka moi
 1Incl.A.+ At.I + matar cobra
 “Nós (incl.) matamos a cobra.”
- (12) wa - ti - koi mani
 1Incl.A.+ At.I + plantar mandioca
 “Nós (incl.) plantamos a mandioca.”
- (13) a - ti - koho sokpe
 1A.+ At.I + lavar roupa
 “Eu lavei a roupa”

Nos exemplos (11) a (13) acima, pode-se observar processos que são apreendidos globalmente, sendo o referente do segundo actante afetado diretamente e completamente por eles. Os processos denotados pelos verbos dessa classe só podem ser considerados como realizados se atingirem seu término, isto é, esses verbos apresentam uma delimitação inerente e determinam a forma de apreensão do referente do objeto direto (+ definido), e ao se realizarem dão origem a uma nova situação, ou seja, a um estado resultativo: a cobra está morta; a mandioca está plantada; a roupa está lavada.

Já os **verbos ativos atéllicos** expressam processos que não precisam atingir seu final para serem considerados como realizados, ou seja, que podem ser considerados como realizados desde que iniciam. Denotam processos que não são apreendidos globalmente, seja pelo fato de não terem um fim predeterminado em si mesmo, seja pelo fato de não afetarem inteiramente ou diretamente o referente do segundo actante, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (14) wa - h - i:ŋ mohy:t
 1Incl.A.+ At.II + sentir cheiro flor
 “Nós (incl.) sentimos o cheiro de/da flor.”
- (15) wa - he - waiŋ kurum
 1Incl.A.+ At.II + aconselhar rapaz
 “Nós aconselhamos o rapaz.”
- (16) uru - h - anti yni
 1Excl.A.+ At.II + amarrar rede
 “Nós (excl.) amarramos a rede.”

Os exemplos (14) e (15) denotam processos que não apresentam uma delimitação em si mesmos, que não são mensuráveis em sua realização: “cheirar / sentir o cheiro” e “aconselhar”; e que não afetam diretamente e completamente o referente do segundo actante: em (14), o processo não afeta diretamente a flor, mas apenas algo que faz parte da flor, isto é, o cheiro que exala; nem completamente, pois nem todo cheiro que exala é sentido;⁸ em (15), igualmente, o processo não atinge diretamente o participante representado pelo segundo actante nem completamente. Já o exemplo (16) denota um processo que afeta diretamente o referente do segundo actante, a rede, mas que não o afeta inteiramente, pois a interpretação desse enunciado é “amarrar / prender apenas os punhos da rede”.

1.2.1.1 Aspecto, referência nominal e derivação

Segundo Oliveira (*op.cit.*), a semântica dos argumentos internos dos predicados com a função de objeto direto (segundo actante) deveria ser

considerada na determinação das diferenças entre aspecto télico e atélico. Haveria, de um lado, uma correlação entre nominais que denotam objetos com limites precisos, como *uma maçã* (+ definido, termo contável), e eventos com limites precisos (télicos); por outro, entre sintagmas nominais que denotam objetos sem limites precisos, como *água* (+ indefinido, termo massivo), e eventos que não apresentam uma delimitação (atélicos).

Em Sateré-Mawé, essa correlação pode ser verificada nas construções ativas télicas, uma vez que o sintagma nominal com a função de objeto direto nessas construções (exemplos 11-13), refere-se a uma entidade definida que é afetada inteiramente pelo processo. Essa interpretação do referente do segundo actante é determinada em Sateré-Mawé pela semântica lexical do verbo; ou seja, o uso de verbos télicos implica uma interpretação mais definida e global / contável do participante ao qual se refere o segundo actante. Nos exemplos (11) a (13), os segundos actantes *mani* “mandioca”, *moi* “cobra” e *sokpe* “roupa” devem ser assim interpretados. No caso do segundo actante *moi* “cobra”, que faz referência a uma entidade contável e unitária, pode-se interpretá-la por “a cobra”, entidade definida e conhecida, ou “uma cobra”, entidade definida (uma e não duas, três, etc.), mas que não é conhecida pelos interlocutores. Por outro lado, uma interpretação massiva desse segundo actante não seria possível. Isso também pode ser dito para os segundos actantes *sokpe* “roupa” e *mani* “mandioca” em função de objeto direto nos enunciados (12) e (13). Esses nomes fazem referência, nesses enunciados, a entidades definidas e apreendidas globalmente e devem ser interpretados por “uma quantidade definida de roupa” e “uma quantidade definida de mandioca”; essa interpretação dos segundos actantes é determinada pelas raízes verbais télicas *-koho* “lavar” e *-koi* “plantar” e implicam um estado resultativo: o lavado, o plantado. Pode-se assim observar a existência em Sateré-Mawé de uma correlação entre o aspecto lexical do verbo e a referência do segundo actante. Todavia, diferentemente do que ocorre em português e em outras línguas (cf. Oliveira, *op cit.*), em que seria o objeto direto que determinaria a delimitação ou não do evento, em Sateré-Mawé é o aspecto semântico do verbo que determina a interpretação do referente do objeto direto como sendo precisa / delimitada ou não.

A correlação entre o aspecto lexical télico e a apreensão global do referente do segundo actante também pode ser comprovada em Sateré-Mawé pelo fato de esses verbos derivarem verbos ativos atélicos quando a intenção do falante

é indicar que o referente do complemento verbal é apreendido parcialmente, ou seja, é afetado parcialmente pela ação denotada pelo verbo.

Nesses casos, as bases verbais ativas télicas são prefixadas pelo morfema indicador de plural partitivo [-ho'o-], derivando bases verbais ativas atélicas; essas bases verbais derivadas indicam que o participante representado no enunciado pelo segundo actante é afetado parcialmente pela ação denotada pelo verbo, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (17) wa - ti - tek pay
 1Incl.A.+ At.I + cortar paca
 “Nós cortamos a paca” (télico)
- (18) wa - ho'o - tek pay
 1Incl.A.+ PL. part. + cortar paca
 “Nós cortamos algumas das pacas” (atélico)
- (19) wa - tu - 'u sapo⁹
 1Incl.A.+ At.I + ingerir 'guaraná'
 “Nós tomamos o guaraná” (télico)
- (20) wa - hu: - 'u sapo
 1Incl.A.+ PL.part.+ ingerir 'guaraná'
 “Nós tomamos um pouco/uma parte do guaraná” (atélico)

Nos exemplos (18) e (20), o segundo actante faz referência a uma parte de um conjunto definido: por exemplo, o das pacas caçadas e o de uma quantidade precisa de guaraná: um copo. Esses exemplos apresentam as bases verbais atélicas: *-ho'o-tek* “cortar alguns”; e *-hu:'u* “engolir/ingerir uma parte de algo”; essas bases são derivadas, respectivamente, das bases verbais télicas *-tek* “cortar” e *-'u* “engolir/comer” e são, portanto, incompatíveis com o morfema [-ti-] que indica, além da voz ativa, o aspecto télico dos predicados, sendo impossível na língua formas verbais como **wa-ti-ho'o-tek* e **wa-ti-hu:-'u*.

O morfema [-ho'o-] também deriva bases verbais atélicas complexas de bases verbais atélicas simples, não alterando, portanto, o aspecto lexical das bases verbais, conforme mostram os exemplos (21) e (22):

(21) wa -ho'o - niη mohy:t
 1Incl.A.+ PL. part. + sentir cheiro flor
 “Nós sentimos o cheiro de algumas das flores.”

(22) wa -ho'o -waiη kurum
 1Incl.A.+ PL. part. + aconselhar menino
 “Nós aconselhamos alguns dos meninos.”

Nos exemplos acima, apenas uma parte do referente do segundo actante é atingida pelo processo, e este se refere a um conjunto (do conjunto de flores, o cheiro de algumas é sentido; e do conjunto de meninos, alguns são aconselhados).

Pode-se dizer que, nas construções ativas atélicas, não há uma correlação estrita entre aspecto e referência nominal; ou seja, o segundo actante dessas construções pode apresentar uma interpretação seja massiva / indefinida (cf. ex. 14), seja contável / definida (cf. ex. 15 e 16); o que caracterizaria essas construções seria o fato de o participante ao qual faz referência o segundo actante não ser afetado diretamente e/ou completamente pelo processo.

Como vimos acima, o aspecto atélico se correlaciona com uma interpretação partitiva do segundo actante, o que significa que o processo não atinge/afeta completamente o referente do segundo actante. Os verbos atélicos, porém, podem derivar verbos télicos pela prefixação do morfema [-'atu-]; as bases atélicas derivadas indicam, então, que o segundo actante faz referência a um conjunto de entidades que é afetado inteiramente pelo processo, o que implica em uma delimitação do processo, conforme mostram os exemplos (23 e (24):

(23) wa -h - ekatup yara (base atélica)
 1Incl.A.+ At.II + esperar canoa
 “Nós esperamos uma canoa qualquer (indefinida)”

(24) wa - ti - 'atu -'ekatup yara (base complexa télica)
 1Incl.A.+ At.I + PL. global + esperar canoa
 “Nós esperamos as canoas (definidas).”

No exemplo (24), a construção verbal apresenta o morfema [-ti-] que indica a telicidade da base verbal derivada [-'atu'ekatup] e a interpretação do segundo actante *yara* “canoa” é a de um conjunto definido de canoas, diferentemente do que acontece em (23), em que o segundo actante faz referência a um participante indefinido (desconhecido). O processo, nesse caso, atinge completamente o referente do segundo actante, o que lhe dá um caráter télico não presente na construção (23).

O morfema [-'atu-] pode também derivar bases télicas complexas a partir de bases télicas simples, conforme mostram os exemplos (25) e (26):

(25) wa - ti - tek pay (base télica)

1Incl.A.+ At.I + cortar paca

“Nós cortamos a / uma paca (definida).”

(26) wa - ti - 'atu - tek pay (base télica derivada)

1Incl.A.+ At.I + PL. global+ cortar paca

“Nós cortamos as pacas (definida).”

No exemplo (26), a base verbal complexa [-'atu-tek] indica que, de um conjunto de pacas (as que foram caçadas, por exemplo), todas foram cortadas e não apenas uma delas, conforme indicaria o uso da base verbal [-tek] em tal situação de enunciação. Nos dois exemplos tem-se uma interpretação definida do segundo actante, o que os diferencia é que em (25) o participante é uma unidade e em (26) é um conjunto de unidades.

Pode-se dizer, portanto, que os aspectos télico e atélico em Sateré-Mawé correlacionam-se, sobretudo, com a forma como o participante representado pelo segundo actante é afetado pelo processo: o participante, representado pelo segundo actante em construções télicas, é afetado completamente pelo processo e apresenta uma referência definida / contável; o participante, representado pelo segundo actante em construções atélicas, não é afetado diretamente e / ou completamente pelo processo e pode apresentar uma referência indefinida ou definida.

1.2.1.2 Aspecto lexical e nomes alienáveis e inalienáveis

Pode-se também estabelecer uma correlação entre aspecto lexical e alienabilidade e inalienabilidade dos nomes em Sateré-Mawé. Nessa língua, os

nomes podem ser classificados, com base em sua morfologia, em dois grandes grupos: o dos nomes alienáveis e o dos nomes inalienáveis; os nomes, por sua vez, servem para formar bases verbais complexas; no entanto, essas bases verbais derivadas vão apresentar diferentes aspectos lexicais de acordo com a classe do nome que for usado para formar a nova base verbal; ou seja, bases verbais télicas, ao serem derivadas pela prefixação de nomes alienáveis, produzirão bases complexas atélicas (cf. exemplos. 27 > 28 // 29 > 30), enquanto, ao serem derivadas pela prefixação de nomes inalienáveis, produzirão bases complexas atélicas (cf. exemplos 31 > 32 // 33 > 34); isso também ocorre com bases verbais atélicas: ao serem derivadas pela prefixação de nomes alienáveis, produzirão bases complexas atélicas, enquanto, ao serem derivadas pela prefixação de nomes inalienáveis, produzirão bases complexas atélicas. Em enunciados que apresentam predicados com essas bases verbais complexas, assume a função de objeto direto o possuidor do nome incorporado no verbo. Vejamos isso nos exemplos abaixo.

(a) Base verbal télica + prefixação de nome alienável > base verbal complexa atélica:

(27) e - ti - **'auka** ase'i e - wawori (base verbal télica)

2A.+ At.I + matar vovô Atrib.II+ jabuti

“Você matou o jabuti do vovô.”

(28) e - he - **wawori-'auka** ase'i (base verbal complexa atélica)

2A.+ At.II + jabuti - matar vovô

“Você matou jabuti do vovô.”

(29) e - tu - **'u** kurum e - pira (base verbal télica)

2A.+ At.I + ingerir menino Atrib.II+ peixe

“Você comeu o peixe do menino.”

(30) e - he - **pira - 'u** kurum (base verbal complexa atélica)

2A.+ At.II + peixe-ingerir menino

“Você comeu peixe do menino.”

(b) Base verbal télica + prefixação de nome inalienável > base verbal composta télica:

- (31) a - tu - **nuŋ** paulo Ø - 'yat (base verbal télica)
 1A.+ At.I + fazer Paulo Atr.I + casa
 “Eu fiz a casa do Paulo.”
- (32) a - ti - 'yat-**nuŋ** paulo (base verbal complexa télica)
 1A.+ At.I + casa-fazer Paulo
 “Eu fiz casa do Paulo.”
- (33) a - ti - **petek** hirokat Ø - po (base verbal télica)
 1A.+ At.I + bater criança Atr.I + mão
 “Eu bati na mão da criança”.
- (34) a - ti - **po- petek** hirokat (base verbal complexa télica)
 1A.+ At.I + mão-bater criança
 “Eu bati na mão da criança”.

Embora esses exemplos apresentem o mesmo significado referencial, do ponto de vista pragmático, eles nos mostram diferentes formas de apreensão do processo / evento. Enquanto nos enunciados com predicados simples, o termo que se refere à entidade possuída apresenta maior grau de topicalidade no discurso que o termo que se refere ao possuidor, nos enunciados com predicados complexos, é o termo que se refere ao possuidor que apresentará maior grau de topicalidade.

Nos exemplos (27) e (29), têm-se bases verbais télicas marcadas na morfologia do verbo pelo morfema [-ti-]; ao serem derivadas pela prefixação de nomes alienáveis, essas bases verbais passam a apresentar um aspecto semântico atélico, o qual será indicado pelo morfema [-he-], conforme mostram os exemplos (28) e (30). Já nos exemplos (22) a (25), a derivação se faz a partir de nomes inalienáveis, portanto, as bases derivadas não apresentam mudança de aspecto, permanecem télicas, o que é indicado pelo morfema [-ti-] presente nesses exemplos.

Para compreender essa correlação entre *aspecto atélico e alienabilidade* e *aspecto télico e inalienabilidade*, é necessário fazer referência a possessão alienável e inalienável em Sateré-Mawé.

Segundo Klimov (1974, p. 23), nas línguas ativas, o que parece ser o caso da língua em estudo, a possessão expressaria uma relação do tipo parte-todo ou não; em Sateré-Mawé, a possessão inalienável é do tipo parte-todo, enquanto a possessão alienável não o é. Isso significa dizer que os referentes dos nomes alienáveis, em uma relação possessiva ou genitiva, são apreendidos como entidades separadas de seu possuidor, ou seja, não formando um todo com seu possuidor; já os referentes dos nomes inalienáveis são apreendidos como parte integrante do possuidor, isto é, formariam um todo com ele.

Ao formarem bases verbais complexas, esses nomes deixam livre a posição de segundo actante que ocupavam no enunciado e essa é preenchida pelo termo que se refere ao possuidor da relação genitiva na qual se encontravam. Por apresentarem diferentes tipos de relação com o termo que se refere ao possuidor, os nomes alienáveis e inalienáveis, quando incorporados ao verbo, farão com que este apresente diferentes formas de relação com o segundo actante (o possuidor) e, em consequência, diferentes aspectos lexicais: bases verbais complexas formadas com nomes alienáveis apresentam um aspecto atélico, pois o referente do objeto direto (o possuidor) não é afetado diretamente nem completamente pelo processo, uma vez que não é parte integrante do termo incorporado (o possuído), conforme mostram os exemplos (28) e (30); já as bases complexas formadas com nomes inalienáveis são télicas, uma vez que o referente do objeto direto (o possuidor) será afetado inteiramente e diretamente pelo processo, uma vez que forma um todo com o referente do termo incorporado no verbo (o possuído), conforme mostram os exemplos (32) e (34).

Pode-se concluir, então, que há uma correlação entre aspecto télico e inalienabilidade e aspecto atélico e alienabilidade em Sateré-Mawé.

1.2.2 Verbos médios télicos e atélicos

Os verbos médios télicos, assim como os ativos télicos, denotam processos precisos e delimitados em seu tempo interno de realização, isto é, eventos que apresentam um ponto final inerente. Nos verbos médios télicos, o aspecto télico das bases verbais implica uma interpretação pontual dos eventos.

Exemplos:

- (35) min e - re - 'e
mergulhar 2A.+ Méd.+ vb. aux. 'fazer'
"Você mergulhou."
- (36) peso: e - re - 'e
pular 2A.+ Méd.+ vb. aux. 'fazer'
"Você saltou / pulou."
- (37) kak wa - tu - 'e
gritar 1Incl.A.+ Méd.+ vb. aux. 'fazer'
"Nós (incl.) gritamos / demos um grito."

Esses exemplos denotam processos pontuais que apresentam um ponto inicial e final de realização preciso: início e final do mergulho, do salto e do grito são quase que coincidentes, o que os caracteriza como télicos.

Pode-se dizer que os verbos médios télicos correspondem à categoria semântica *achievements* proposta por Vendler (1957). Esse autor propôs um modelo que divide o aspecto lexical em quatro categorias semânticas: **estados** – (“acreditar”, “amar”, “querer”), **atividades** – (“caminhar”, “correr”, “nadar”), **accomplishments** (“ler um livro”, “construir uma casa”, “fazer um bolo”) e **achievements** (“cair”, “começar”, “encontrar”). As categorias *achievements* e *accomplishments* seriam télicas, mas difeririam no que diz respeito ao traço de *pontualidade*, na medida em que *achievements* são eventos pontuais e *accomplishments* são durativos.

Em Sateré-Mawé, pode-se observar que as categorias semânticas *achievements* e *accomplishments* correspondem a verbos télicos; no entanto, enquanto os verbos médios télicos correspondem à categoria *achievements* de Vendler, os verbos ativos télicos compreendem tanto a categoria semântica *achievements* quanto a categoria *accomplishments*.

O que diferencia os verbos médios télicos dos ativos télicos é a relação causal entre processo e resultado; nos verbos médios, a realização do processo não implica um estado resultativo que perdura no tempo – tanto o processo em si mesmo como o estado resultativo são pontuais e precisos, delimitados no

tempo. Já com os verbos ativos télicos, a realização de um processo implica uma nova situação, portanto em um estado resultativo que pode perdurar.

Já os verbos médios atélicos, que indicam processos que não apresentam uma delimitação inerente, ou seja, que não são apreendidos globalmente pelos falantes, correspondem à categoria semântica **atividade** de Vendler. Diferentemente dos estados, esses predicados são dinâmicos e requerem algum tipo de força para que continuem a acontecer.

Fazem parte dessa classe bases verbais que denotam processos que são frequentemente atualizados pelo participante indiciado no verbo (o primeiro actante), por exemplo, as necessidades do organismo humano e as atividades quotidianas, assim como processos que envolvem algum tipo de atividade física ou mental.

(38) e - re - potpa:p
2A.+ Méd.+ trabalhar
“Você trabalha.”

(39) e - re - ket
2A.+ Méd.+ dormir
“Você dorme.”

(40) e - re - e - nuk
2A.+ Méd.+ refl.+ alimentar
“Você se alimenta.”

Esses exemplos denotam processos que são realizados frequentemente (todo dia) pelo participante indiciado no verbo; dessa forma, pode-se dizer que não apresentam um término inerente. São atividades consideradas necessárias à vida dos seres humanos.

Os aspectos télicos e atélicos dos verbos médios em Sateré-Mawé também podem ser caracterizados a partir da relação causal entre processo e resultado. Algumas bases verbais que denotam processos pontuais, como *-at* “cair”, são classificadas como médias atélicas em Sateré-Mawé e não como médias télicas, como poderíamos esperar. Isso se deve a relação causal entre processo e resultado. Enquanto nos verbos médios télicos, o resultado do

processo não tem duração, é pontual, os verbos médios atélicos implicam um estado resultativo durativo, isto é, o processo continua afetando o participante mesmo depois de ter sido realizado, o que significaria que ainda não chegou ao seu final, o que lhe dá um caráter atélico.

Conclusão

Com base no exposto neste artigo, pode-se concluir que o Sateré-Mawé apresenta uma organização morfossemântica dos verbos de processo a partir das categorias semânticas voz e aspecto. As duas principais vozes do verbo são a ativa e a média, pois servem para classificar os verbos de processo em duas grandes classes: a dos verbos ativos e a dos médios; esses, por sua vez, podem apresentar um aspecto télico ou atélico, o que é marcado na morfossintaxe da língua.

Os verbos atélicos denotam processos que não são delimitados em seu tempo interno e os verbos télicos, processos que apresentam uma delimitação inerente. Nos verbos ativos, que apresentam um segundo actante (objeto direto), o aspecto das bases verbais determina o modo como o referente do segundo actante é afetado pelo processo: (a) bases ativas télicas denotam processos que atingem diretamente e inteiramente o referente do segundo actante e (b) bases ativas atélicas denotam processos que atingem indiretamente e/ou parcialmente o referente do segundo actante. Pode-se observar também que há uma correlação entre aspecto e referência nominal: o aspecto télico da base verbal determina uma interpretação mais definida do segundo actante, enquanto o aspecto atélico pode implicar tanto uma interpretação definida quanto indefinida da referência do segundo actante.

A partir de processos de derivação de bases verbais simples em complexas, mostrou-se também a possibilidade de produzir uma base atélica a partir de uma base télica e vice-versa; verificou-se, assim, uma correlação entre (a) aspecto télico - morfema [-'atu-], que indica totalidade, e nome inalienável; e (b) aspecto atélico - morfema [-ho'o-], que indica partitivo, e nome alienável, sendo que em (a) o referente do segundo actante é afetado diretamente e inteiramente pelo processo e, em (b), indiretamente e/ou parcialmente. Através da prefixação de nomes inalienáveis ou do morfema [-'atu-] a bases atélicas, é possível derivar bases télicas, enquanto a prefixação de nomes alienáveis ou do morfema [-ho'o-] a bases télicas deriva bases atélicas.

Por fim, correlacionou-se a classificação dos verbos em Sateré-Mawé com as categorias semânticas *atividade*, *achievements* e *accomplishments* de Vendler.

Verbos atélicos correspondem à categoria semântica **atividade**, ou seja, são eventos que não estabelecem *a priori* um ponto de término claro, embora seja possível supor que haja um ponto final. E verbos télicos correspondem às categorias semânticas **achievements** e **accomplishments**, uma vez que são eventos que apresentam um ponto final inerente e interno. Também pôde-se mostrar que a caracterização do aspecto télico e atélico dos verbos médios em Sateré-Mawé tem a ver com a relação causal entre processo e resultado: são considerados atélicos os processos que, após sua realização, continuam afetando o participante indiciado no verbo, os quais não apresentariam, portanto, um ponto final inerente (estado resultativo durativo); e como télicos os processos que, após sua realização, não afetam mais o participante indiciado no verbo (estado resultativo pontual).

Notas

¹ O censo da população sateré-mawé de Manaus não foi objeto da pesquisa de Teixeira; os dados referentes a essa população foram fornecidos pelo padre Jesuíta Roberto Jamillo e são resultantes de sua própria pesquisa de campo (não publicada).

² A Língua Sateré-Mawé é classificada por Aryon D. RODRIGUES (1984/85) como uma família a membro único (Família Mawé) do tronco Tupi.

³ A análise das classes de verbos em Sateré-Mawé encontra-se também em minha tese, não publicada, e foi objeto de duas comunicações e de dois artigos publicados (Cf. FRANCESCHINI, 2000 e 2007).

⁴ Não há ainda nenhum estudo sobre esses aspectos da Língua Sateré-Mawé publicado.

⁵ Alomorfes que ocorrem em distribuição complementar no paradigma verbal.

⁶ Alomorfes que ocorrem em distribuição complementar no paradigma verbal.

⁷ Este é o valor semântico geral presente em todas as construções da voz média em Sateré-Mawé; no entanto, diferentes nuances semânticas podem ser observadas nos verbos médios, conforme mostra o artigo “Valores da voz média em Sateré-Mawé” de Franceschini.

⁸ Essa explicação foi dada por um falante da língua analisada e condiz com a definição do aspecto atélico.

⁹ /sapo/ é uma bebida tradicional sateré-mawé feita com guaraná em bastão, o qual é produzido pelos indígenas a partir da fruta do guaraná e ralado pelas mulheres.

Referência bibliográfica

- BENVENISTE, Emile. Actif et moyan dans le verbe. Em: *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris: Gallimard, 1966. p. 168-175.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- FRANCESCHINI, Dulce. *La langue sateré-mawé: description et analyse morphosyntaxique*. 1999. Tese (Doutorado) – Université Denis Diderot, Paris VII, Paris, França.
- FRANCESCHINI, Dulce. *O sistema verbal em sateré-mawé*. Em: XVIII Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE. Salvador, 2000.
- FRANCESCHINI, Dulce (Coord.). *Satere-Mawe pusu agkukag* (Gramática da Língua Sateré-Mawé). Manaus: EDUA, 2005.
- FRANCESCHINI, Dulce. Valores da voz média em sateré-mawé. Em: CABRAL, Ana Suelly A.C.; RODRIGUES, Aryon D. (Org.). *Línguas e Culturas Tupi*, v.1. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007. p. 309-315.
- KLIMOV, G.A. On the character of Languages of Active Tipology. *Linguistics*, v. 131, p. 11-25, 1974.
- LAZARD, Gilbert. La Typologie actancielle. *Studi Italiani di Lingüística Teórica e Aplicata*, Roma, Nuova Série, Ano XXVI, v. 2, p. 205-226, 1997.
- LYONS, Jonh. *Semantica*. 2. ed. Barcelona: Teide, 1969.
- LYONS, John. *Sémantique linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1990.
- TEIXEIRA Pery (Org.). *Sateré-Mawé – Retrato de um povo indígena*. Manaus, 2005.
- OLIVEIRA, Fátima. Aspecto, referência nominal e papéis temáticos. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, Porto, v. XII, p. 55-73, 1995.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 27/28, p. 33-53, 1984/85.
- VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.